

A ÚLTIMA CURVA DO RIO CHAMADO BRASIL

Jorge Luiz de Oliveira da Silva¹

As eleições presidenciais de 2018 trouxeram em seu bojo, além da já conhecida polarização entre esquerda e direita, revelações sobre o caráter humano que certamente deverão servir de ponto de estudo em diversos aspectos. Quando eu era ainda um jovem Sargento da Força Aérea Brasileira, na década de 80, então servindo na cidade de Belém do Pará, lembro-me claramente que havia um colega de farda de índole muito dócil e sempre disposto a ajudar o companheiro que necessitasse. Era o que chamamos de um “boa praça”. No primeiro jogo de futebol que tive a oportunidade de participar com esse colega enxerguei uma outra pessoa. Quando entrava em campo ele perdia toda fidalguia, todo sentimento de ajuda ao próximo. Olhos vermelhos, bufando, proferindo palavras de baixo calão e distribuindo caneladas nos adversários. Reclamava do juiz, do adversário, da torcida e do colega do próprio time. Desde então eu já me interessava pelo estudo da essência do ser humano. Desde então passei a afirmar que só conhecíamos verdadeiramente o ser humano no momento em que compartilássemos com o mesmo uma partida de futebol. Muitos anos se foram e, agora, em 2018, reformulo essa máxima: só conhecemos verdadeiramente o ser humano quando estamos diante de uma eleição presidencial. Como sou filósofo de fim de semana e psicólogo de alcova, o método que utilizei para reformular tão antiga proposição foi o empírico, consubstanciado em meras observações das minhas redes sociais. Neste sentido, politicamente não sou de direita e tampouco de esquerda, mas sou de Brasil. Confesso que nunca consegui alcançar a pretensão pura da esquerda no Brasil. Mas também confesso que quando o Luís Inácio Lula da Silva subiu a rampa presidencial pela primeira vez eu deixei de lado o medo e me alinhei à esperança. Fiquei emocionado ao ver uma pessoa que se apresentava como povo chegar ao mais distinto e ilustre cargo do cenário de uma nação. A partir daquele momento eu só desejava que tudo desse certo e

¹ Juiz-Auditor da Auditoria da 9ª CJM (Justiça Militar da União), Mestre em Direito Público e Evolução, Pós-Graduado em Docência Superior, Pós-Graduado em Direito Penal e Processual Penal, Pós-Graduado em Educação Cognitiva e Valores Éticos. Professor de Direito Penal, Direito Processual Penal, Criminologia e Ética. Autor dos livros “Assédio Moral no Ambiente de Trabalho” e “Estudos Criminológicos sobre a Violência Psicológica”.

o país se tornasse grande de fato e de direito. Eu só desejava que houvesse paz e prosperidade, respeito a todos, que ricos e pobres pudessem compartilhar de um mesmo Estado promissor e de tudo que ele pudesse ofertar de bom, em especial na famosa tríade segurança pública, educação e saúde. Pouco me importava se era Lula ou um General que ocupasse o cargo de Presidente, desde que o Brasil fosse grande e os imensos problemas do povo fossem solucionados. Quase uma década e meia transcorreu e o que temos para hoje é isso que vemos todos os dias. Segurança Pública está boa ou já esteve? Educação é de qualidade para todos, desde o ensino mais fundamental? A Saúde de qualidade está ou já esteve ao alcance do povo em geral? Há respeito entre pessoas, entre instituições, entre alunos e professores, entre todos nós? Cada um extrai sua própria resposta. As redes sociais clamam pela manutenção da liberdade. Confesso que não sei bem o que é liberdade nesse sentido. Nasci num morro na cidade do Rio de Janeiro e não tivemos liberdade para escolher lá continuar, pois um tal de tráfico de entorpecentes gerou um sentimento de ausência de liberdades mínimas. Mas, seguimos em frente. Hoje, em 2018, gostaria de ter liberdade para dar um passeio de 50 metros à noite na rua onde residio. Mas não tenho, pois possivelmente serei assaltado ou até mesmo assassinado. Gostaria de ter a liberdade de expressar, em uma universidade pública no Brasil, que penso um pouco diferente em relação à visão de mundo, de educação e de respeito que lá foi sedimentada, via de regra, na última década. Gostaria de ter a liberdade de dizer que não concordo com determinadas políticas de ações afirmativas, mas teria uma sugestão de ações afirmativas mais abrangentes e eficazes. Gostaria de ter a liberdade de dizer que voto em um candidato X não porque eu idolatre, mas porque de acordo com a minha avaliação de Brasil ele, neste momento, seria o melhor, mas respeitando a opinião contrária. Mas, isso mesmo eu não posso fazer, porque enquanto magistrado tenho perdido até parte da cidadania, em razão de vedações impostas pelo CNJ neste sentido (não estou aqui a falar de manifestações político-partidárias, isso sim vedado pela lei, mas de mera opinião como cidadão e indivíduo, o que minha condição de magistrado não pode subtrair). Aliás, esse modelo de CNJ foi criado e concebido no governo de esquerda, curiosamente. Rousseau afirmava que “o homem nasceu livre e por toda parte vive acorrentado”. De fato, dá um sentido de abstração e subjetividade acerca do conceito de liberdade. Há incontáveis máximas, conceitos e pensamentos relacionados à tentativa de identificar o que seria a liberdade.

Mas, vejo com simpatia os parâmetros consubstanciados na Convenção Interamericana de Direitos Humanos, em seu art. 13, quando se refere à liberdade de pensamento e liberdade de expressão. Evidentemente, o catálogo de liberdades é muito mais extenso, mas o referido dispositivo encarna dois tipos de liberdade que se encaixa perfeitamente à presente análise. Vejamos:

Artigo 13. Liberdade de pensamento e de expressão

1. Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento e de expressão. Esse direito compreende a liberdade de buscar, receber e difundir informações e ideias de toda natureza, sem consideração de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer outro processo de sua escolha.

2. O exercício do direito previsto no inciso precedente não pode estar sujeito a censura prévia, mas a responsabilidades ulteriores, que devem ser expressamente fixadas pela lei e ser necessárias para assegurar:

a. o respeito aos direitos ou à reputação das demais pessoas; ou

b. a proteção da segurança nacional, da ordem pública, ou da saúde ou da moral públicas.

Perceba-se que o item 2 do art. 13 da CIDH estabelece o limite da liberdade de pensamento e da liberdade de expressão, vedada, por óbvio, a censura prévia. Poderíamos sintetizar esses limites exatamente naquele dito tradicional “o seu direito termina quando o meu inicia”. Talvez falte esta reflexão nos tempos atuais, onde imaginamos que essa liberdade se refere irrestritamente a tudo que penso e que quero fazer, não importando os reflexos no semelhante. Falta, pois, solidariedade, fraternidade, compaixão e alteridade. Imaginem se ao final das eleições presidenciais, esquerda ou direita, qualquer um que saísse vencedor, se unissem e sentassem à mesa de negociações e daí sintetizassem um programa que fosse efetivo e contemplasse o bem da nação e não um projeto pessoal ou partidário. Imaginem que 13 e 17, que hoje fragmentam o Brasil, se abraçassem e se unissem pelo bem do povo brasileiro. O Presidente da República deve ser eleito com cerca de 55% dos votos válidos. E o restante dos 45%? E os que não votaram, e as crianças, os enfermos? Como afirmava Aristóteles, os extremos são sempre ruins, sendo o adequado a busca da mediania, que não significa necessariamente o meio, calculado de forma matemática, mas a proximidade mais benéfica de um dos extremos. Por ora isso é uma utopia.

Dito isto, vamos às conclusões que me conduziram a modificar minha afirmação de mais de três décadas. Lembram-se? “Só conhecemos verdadeiramente o ser humano quando estamos diante de uma eleição presidencial”. Publílio Siro, um escritor que viveu na Roma Antiga (por volta de 85 a.C. a 43 a.C.), costumava afirmar que *Qui se ipse laudas cito derisorem invenit*, ou seja: “quem se louva logo encontra quem o ridicularize”. Já o poeta da Roma Antiga, Horácio Flaco, afirmava que *Ira furor brevis est* (“A ira é uma breve loucura”). De fato, o que vivenciamos em termos de redes sociais não é o debate sério e salutar, mas sim uma esquizofrenia paranoide, demarcada por delírios e alucinações, ausência completa de respeito ao semelhante e revelação de um eu momentâneo pautado na ira. Evidentemente, as redes sociais dão o tom macabro nesse movimento, posto que todos que nela inseridos despontam não só como receptadores, mas também como produtores de notícias, pensamentos e análises. Neste sentido, constato com extrema tristeza que um número razoável de amigos acaba por encarnar aquele velho colega de minha vida em Belém na década de 80, que se transformava e desfigurava quando entrava em um campo de futebol. Agora, o campo de futebol é transformado em redes sociais e disputa da partida é transformada na necessidade de impor a sua verdade política ao público que acha que possui. Curiosamente, e isto não é um dado ideológico ou político, mas um dado real, constato que a maioria desses amigos sustentam um discurso democrático e se mostram como defensores da Democracia, da igualdade e das liberdades. De fato, também os defensores da tradição estão a cometer alguns abusos e incidir na mesma visão distorcida e desrespeitosa. Mas, se considerarmos o discurso, haveria de se esperar daqueles que alegam votar em determinado candidato em homenagem às “liberdades”, que tivessem um discurso mais comedido e respeitoso. Até mesmo porque são pessoas, fora do “campo de futebol”, extremamente afáveis, inteligentes, ligadas a boas causas e, via de regra, ótimos amigos. Mas, o campo de futebol tem transformado muitos amigos (de esquerda ou de direita) naquele personagem irascível, desrespeitoso e inconsequente, cujo perfil narrei no início dessa intervenção.

Pontofinalizando, como costumava dizer o competente amigo Cícero Robson Coimbra Neves, renomado autor de Direito Penal Militar e Promotor da Justiça Militar, cito algumas das passagens nas redes sociais desses queridos amigos, que me causou perplexidade. Assim, o objetivo é que todos realizem uma reflexão, ponderem que

liberdade, dentro de muitas de suas expressões, não é entender que somos os proprietários da razão ou do que é certo ou errado, sob pena de ridicularização. Ponderar que a ira representa, tal como afirmou Horácio, uma breve manifestação de loucura, mas que pode estabelecer gravames irrecuperáveis. Mais entendimento, mais fraternidade, mais compaixão, mais alteridade, mais respeito. Sem isso não há vencedores. Vamos às afirmações extraídas de minha rede social em publicação de amigos:

1) Votar em Bolsonaro não é mais questão de escolha, é questão de não ter moral.

2) Votar em Bolsonaro é se aliar a Hitler.

3) Muito me admira um professor universitário e negro votar num racista (comentário em relação a um querido amigo professor e negro que declarou voto em Bolsonaro).

4) Quem vota no PT é ladrão como eles.

5) Tenho consciência política e não voto, como muitos aqui, em homofóbico, racista e fascista.

6) Se você ajudar a eleger Bolsonaro não aceito que depois diga que queira morar na Europa, porque Portugal e França são países com viés socialista. (não foi bem isso, mas foi quase isso).

7) Quem vota em Haddad é tão corrupto como ele.

8) Mulher não pode votar em Bolsonaro.

9) Homossexual não pode votar em Bolsonaro.

10) Negro não pode votar em Bolsonaro.

11) Cristão não pode votar em Haddad.

O objetivo da presente intervenção foi pedir um minuto de silêncio. Não há qualquer interesse em que você, leitor, mude seu voto ou mesmo vote no candidato A ou B. Olhe de cima, se você se enxerga nessas afirmações acima, há um grande

problema, querido (a) amigo (a). Você se transformou e não percebeu naquele meu amigo lá de Belém, da década de 80, quando entrava num campo de futebol. Então, é hora de sair desse campo. Cada um tem LIBERDADE para escolher o seu candidato. A mulher não precisa que ninguém diga em quem ela deve ou não votar, pois já é destinatária de tantas conquistas e tantos valores, que não ninguém tem esse direito. O público LGBT vota em quem quiser. Tenho amigos e amigas LGBT que votam em Bolsonaro uns e em Haddad outros, isso é democracia. A religião não determina se devo ou não votar no candidato A ou B, vote em quem quiser. Ser negro, branco, amarelo, azul, verde, tanto faz.....não vincula o seu pensamento pequeno se tenho que votar em A ou B porque a cor da minha pele é uma ou outra, todos são livres, leves e soltos para votar em quem quiser. Então, lembre-se do que dizia Publílio, sob pena de cair no ridículo. Semear a cultura da paz e primeiro grande passo para uma sociedade justa e feliz. Vote bem, em quem você quiser...e deixe os outros votarem como quiserem...afinal....a verdade não possui proprietários. E, se Haddad vencer....por favor deixem aqueles que desejem tentar a sorte em Portugal ou na França livres para isso. E...se Bolsonaro vencer.....deixem aqueles que também querem partir em paz. Se você prega a liberdade e o respeito, não seja um ditador da vontade de seu semelhante. Aprendam, amigos e amigas beligerantes do facebook, defensores da liberdade ou defensores do respeito, mencionando novamente Horácio Flaco: *Concordia Discors*, que significa uma harmonia oriunda da oposição de ideias, pensamentos, sentimentos ou de qualquer outro tipo. Se não entrarmos e harmonia e respeito, essa poderá ser a última curva desse rio chamado Brasil. *Pax Vobiscum!*